



**A Illustração Portuguesa**  
SEMANARIO  
REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palma Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

## SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por J. Lima;—*A recordação preciosa*, trad. de D. Guiomar Torrezão;—*Longe, bem longe...*, soneto, por Sergio de Castro; *Os ultimos acontecimentos das ilhas Sandwich*, por Pinheiro Chagas;—*A fabrica*, por Alphonse Daudet;—*Absolvida*, versos, por Francisco Campos;—*Lindita*, conto, (conclusão), por Eduardo Sequeira;—*As nossas gravuras*;—*Mimi*, versos, por Alberto Osorio de Castro;—*Um conselho por semana*;—*Em familia* (*Passatemplos*);—*A rir*;—*O tio Joaquim*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*D. João Francisco Camacho*;—*Dorinda Rodriguez, José Rodriguez y Gonzales*;—*A bailarina*;—*Modas*;—*Gabriel Archanjo dos Santos* (*O assassino de D. José Rodriguez*).

## CHRONICA

Olhe, leitor, meu bello amigo, se precisar d'alguma coisa, escreva-me. Posta restante—Caldas da Rainha.

Posta restante; não se esqueça. E queira crêr que, se tiver o capricho de especificar melhor o destino da sua epistola, tem de passar pelo desgosto de ser desattendido pelos empregados do correio, que ultimamente, nas Caldas, decidiram não entregar correspondencias, senão a quem houver por bem requisital-as na propria séde das estampilhas. Por 25 réis apenas, não é decente exigir mais. O distribuidor adoeceu, e o nosso dever agora é fazer preces para que o homem não morra.



D. JOÃO FRANCISCO CAMACHO



Eu fugi das Caldas precisamente na occasião em que todo o mundo para lá corria. Foi a quatorze do mez. Estava lá povo, que era um louvar a Deus! A *copa, o ceu de vidro, a matta*, parecia tudo uma feira. A viscondessa já não jogava o whist, muito naturalmente receiosa de que os japonezes lhe atropellassem a banca; por um sentimento analogo, ninguem ousava bulir nos favoritos massos do croquet; e finalmente era tambem um perigo passeiar de trem, porque, para abrir caminho entre as massas, era necessario dispôr, já não de uma parelha pouco fogosa, mas de uma junta de bois muito pacientes e, á cautella, embollados!

Fallava-se na tourada do dia 15, no *cotillon* do dia 16, no concerto do dia 17... Fallava-se pelos cotovellos. E eu safei me.

Comecei a arrepender-me no caminho, porque a linha ferrea é de tal modo torçosa que só se pôde comparar com uma linha na algibeira. E, realmente, ha opiniões de que na algibeira dos empreiteiros é que reside o melhor de toda aquella construcção, que não pretende certamente figurar de oitava maravilha. São tantas e taes as curvas, que chega a gente a receiar que a locomotiva se tenha embriagado. Acresce a isto, n'alguns pontos, o balanço de bombordo a estibordo. E' respeitavel! Aquillo nem é bem uma viagem; é uma dança.

Vinte e quatro horas depois de ter chegado a Lisboa, estava eu, afinal, completamente arrependido. Já vae saber porquê, meu bello amigo, mas antes d'isso quero que saiba que estou fazendo novamente as malas, e que, portanto, não é sem razão que lhe aconselho que:

Se precisar d'alguma coisa, escreva-me.

Viver na capital, coisa que até aqui não passava de uma grande semsaboria, passou agora a ser, nem mais nem menos, uma perfeita temeridade. Assassina-se aqui exactamente como nos mais escusos caminhos da montanha, onde o paiz, aliás, não faz despesas de policia.

A policia lisboeta, que nunca falta, aos magotes, em qualquer ponto da cidade onde se troquem pacatamente dois bofetões modestos; a policia, que encha todos os dias as columnas dos jornaes e os cubiculos da Bôa-Hora, com as suas mil e uma partes de *resistencia á auctoridade, de entremettencia no serviço, de fuga a presos*—diversissimas formu'as de mentira soez, cujo movel é quasi sempre uma vingança reles—a policia, que fareja como os cães, que vê como o leopardo, e que se enfuna como os pavões, deixa um *sereno* livremente esfaquear um transeunte, e só mais tarde, extremamente tarde, se digna apparecer, para correr no encalço do assassino (que entretanto abandonou a arma), e para vangloriar-se de o ter descoberto, ella, que o conhece como aos seus dedos, e que até lhe prevê as intenções, porque tem junto d'elle auxiliares e amigos que, a troco de certas impunidades, denunciam sem repugnancia o collega.

Não se exige um guarda junto de cada facinora; exige-se apenas que um transeunte não alterque durante um quarto de hora com meia duzia de meliantes, sem que na esquina desponte o façanhoso bigode de um agente da auctoridade. E foi isto exactamente o que se deu no incidente de que foi victima o desgraçado D. José Rodriguez.

A policia comprehende bem que não tem as visceras profundamente inacessivas á navalha. De resto, faz-lhe até conta chegar tarde, porque depois a diligencia dá melhor nas vistas, e lá está o jornalismo para levar á gloria o 33 da 4.<sup>a</sup>, o cabo José Antonio, e a ingenuidade dos tolos.

O jornalismo, não; a *reportage*, que precisa d'isso, para se dar inclusivamente á liberdade de interrogar os presos nos corredores do Governo Civil, antes mesmo

de elles haverem chegado á presença de quem, por dever, tem o direito de interrogal os.

E' assim que, a proposito de um crime, vem a lume uma borracheira; é assim que se descobrem inesperadas relações entre um tratante e um adversario politico; assim, resumindo, se esterca hediondamente um factio que, regado pelo sangue de um pobre homem, desenvolve uma rica novidade.

Dorinda Rodriguez, a sympathica hespanhola que conta as suas maiores desventuras pelos dias que tem vivido em Portugal, Dorinda Rodriguez, escrava do seu contracto, vel a-hemos dentro em pouco representando, se porventura esta ultima desgraça não lograr aniquillar-lhe a coragem extraordinaria que a deteve no palco, no dia seguinte áquelle em que lhe morreu nos braços um de seus filhos. Já então a desventurada actriz ia chorar nos bastidores os sorrisos que, amargamente, tinha de fingir ao publico, e ainda comtudo não havia feito, no seu Calvario, mais estes passos horriveis, em que perdeu o esposo, quasi no mesmo instante em que segundo filho exhalava o derradeiro suspiro, longe do coração amantissimo da pobre mãe.

Receiava-se hontem que ella perdesse a razão. E, apesar de tudo, consentir-se-ha que ella amanhã represente? Não haverá em Lisboa, n'esta cidade culta onde os estrangeiros cahem esfaqueados ao lado de suas esposas, não haverá aqui uma subscrição immediata com que venhamos em favor da viuva, rescindindo-lhe o contracto e facultando-lhe os meios de viver entre nós, ao menos por algum tempo, longe da scena, longe d'aquelle inferno onde agora a desgraçada teria de sentir carbonisar-se-lhe o coração que, talvez, já quasi lhe não pulsa?

Se isto se não fizer, e é natural que se não faça, leva de nós recordações funestas a formosa tiple. Os mesmos seus aduladores, aquelles que lhe queimaram em torno o melhor incenso da sua pro'a, devem parecelhe todos Gabrieis Archanjos. Porque afinal, a verdade é que, entre o que mata o esposo e o que deixa morrer a viuva, não vae, aqui, uma distancia onde caiba muitissimo á vontade uma navalha aberta.

Este pessimismo, porém, não vem ainda a proposito. Ninguem sabe, por emquanto, que outras lembranças indeleveis Dorinda Rodriguez terá um dia da nossa patria, onde lavra uma descrença fria que põe nas ruas da amargura toda a fé e todas as esperanças, mas onde, muita vez, refulge intensamente a caridade, virtude que não vale menos de que as outras, e cujo exercicio, entre nós, costuma vir de cima...

Os assignantes da *Illustração* andam talvez a esta hora indignadissimos pela bonita barba branca com que, no nosso numero anterior, lhe apresentámos Katk'ff, e pelo ar de russo com que lhe demos Depretis.

Foi engano. Os grandes genios encontram-se, e, com um pedacinho de bom humor, chegam até a trocar-se respectivamente os nomes. Os das barbas é que é Depretis, e o *off* é evidentemente o russo.

Tambem Laur e Cassagnac, segundo o que me affirmam, não occupam na pagina a posição que rigorosamente lhes cabia, isto é, cada um sobre a sua graça. Estão trocados.

N'estes, porém, não houve engano da parte de quem dispoz as coisas. Apenas foi uma imprudencia deixar em face um do outro dois inimigos assim. Devia logo prever-se o que afinal aconteceu. Engalfinharam-se.

Apenas o typographo voltou, pozeram-se precipitadamente com aquelle arsinho de quem não quebra um prato, muito bem compostos, mas trocados.

E quando assim não fosse, podia muito bem têe sido.



## A RECORDAÇÃO PRECIOSA

(CATULLE MENDÉS)

Logo que entram na luminosa sala de paredes de porphiro rosa, incrustadas de amethystas, os tres jovens principes, Aymon, Colomban e Roselin, o primeiro de dezeseite annos, o segundo de dezeseis e o mais novo de quinze, dirigiram-se á presença do bom Genio, que os aguardava assentado em um throno de ebano, tendo deitado aos pés um gigantesco dragão.

—Ilustre Genio, disseram os tres principes, vós, que adquiriste, em virtude de tan os prodigios e de tão generosas acções, uma fama sem igual em todos os paizes, sabeí que nós somos filhos do rei, que ambicionamos ser poetas.

Ouvindo-os, o bom Encantador desatou a rir na sua esplendida barba de um branco auri-rosado.

—Só isto? volveu elle. Poetas? Os meninos querem ser poetas? Isto é, simples herdeiros de monarchas, pretendem assimilar-se aos deuses triumphantes? Ser poeta, creanças, é nada, ignorar, é não desejar cousa alguma, visto que tudo se possui, achando-se entretanto na posse, as illimitadas delicias do desejo insaciado. Aquelle a quem foi outhorgado o dom da poesia, vive no eterno encantamento dos rythmos que o embalam, piza tapetes de purpura e fl res, e tem a trout nas estrellas. Os passaros amam-o, as rosas adoram o, as mulheres idolatram-o! Desejam ser poetas? Creio-o, e admire o seu arrojo! Ignoram, talvez, que sua ousadia poderia instigar-me a mandal-os expulsar do meu palacio por esses gigantes pretos, vestidos de setim encarnado, que são os meus creados?

A sua mocidade, porém, absolve-os a meus olhos. Consinto em dispensar-lhes a minha protecção. Prometto-lhes que um dos tres será poeta. Ordeno-o! e sei, meus princepesinhos, que não agradecer-me de joelhos.

Os principes prostraram-se effectivamente, aos pés do Genio, possuidos da mais entranhada gratidão.

—Qual de nós será poeta, illustre Magico? perguntaram, anxiosos.

Aquelle que se mostrar menos indigno da gloria a que aspira! Oçam-me bem, accrescentou o Genio. Durante um anno, os principes percorrerão o mundo, cada um para um sitio differente. Analysarão as pessoas e as cousas; em seguida, regressarão ao meu palacio de porphiro rosa incrustado de amethystas; e aquelle que me treuxer a recordação mais preciosa, outhorgarei o dom da poesia.

Logo que findou o anno, os tres principes apresentaram-se na morada do illustre Magico, cuja barba era da cor das rosas brancas.

Inclinaram-se profundamente, porque tinham sido muito bem educados na corte de seu pai, e sabiam que genero de attentões merecem os entes sobrenaturaes, que se chamam encantadores.

O Genio interrogou-os:

—Então, princepesinhos, o que lhes succedeu nas suas viagens? Qual foi a cousa, entre todas, que despertou de preferencia a sua admiração?

Falla antes de teus irmãos, tu, Aymon, que és o mais velho.

—O que se me afigurou verdadeiramente sublime, exclamou Aymon com o olhar radiante, foi uma batalha, presenciada ao cair da tarde, em uma vasta planicie! As armaduras, contundindo-se, vibravam e faiscavam. As bandeiras pairavam acima do tumulto, como grandes aves terriveis, batendo as azas dilaceradas. Os gritos de victoria, resoando no turbilhão, confundiam-se com o estertor dos moribundos. As espadas estremeciam no ar, luminosas e flexiveis, como um milhão de hastes floridas, de relampagos de aço. E enquanto os vencidos, sangrentos e espavoridos, desappareciam no extremo horisonte, surgiu no alto da collina um cavallo branco, na irradiação do ouro e das purpuras celestes, ostentando o joven general vencedor, agitando na viração da tarde o seu elmo emplumado!

O bom Genio disse:

—E' certo que é um magnifico espectáculo, ver á luz do sol degladiarem-se heroes de armaduras flamantes, succumbindo no delirio da peleja. Não te occultarei, Aymon, que tens alguma probabilidade de obter o dom da poesia.

Mas voltando-se para Colomban, o Genio perguntou:

—E tu, que foi que viste?

Vi muitas cousas que não me pareceram merecer a attenção que a maioria dos homens lhes concediam. Parques reais, onde passeiam bellas princezas, deixando arrastar no saibro das avenidas os seus vestidos de setim, escoltadas pelos pavões estrellados; cortezãs que se divertem, quando lhes fallam de amor, com o tilintar dos rubis caindo em fios candentes em uma taça feita de uma só perola; o poder dos reis, a opulencia dos avarentos, o luxo, os triumphos, as glorias, o que vale tudo isso? Já desespe-

rado de encontrar alguma cousa cuja recordação pudesse viver na minha alma, entrei em uma cidade devastada pela peste. Inspirava dó ver tantos moribundos, tantos cadaveres nas ruas, no limiar das portas, em toda a parte; o contagio pesava no ar como o vento da morte. Dispunha-me a sair d'essa lugubre cidade, quando vi apparecer mulheres que corriam de casa em casa, visitando os doentes, offerecendo-lhes remedios, prodigalizando-lhes consolações. No meio da multidão aterrada, só ellas não tinham medo da medonha epidemia!

Para que esses miseraveis soffressem menos, e não succumbissem no abandono, ellas affrontavam os desgostos, os perigos, a morte, talvez! Senti-me penetrado de uma fervorosa adoração por essas mulheres misericordiosas, e comprehendí que nenhum outro espectáculo poderia existir na terra mais digno de ser admirado.

O bom Genio disse:

—E' certo que é um nobre espectáculo aquelle em que se nos patenteiam as dedicações da caridade. Não te escondo, Colomban, que tens, como teu irmão mais velho, alguma probabilidade de obter o dom da poesia.

Roselin, o mais novo dos tres filhos de rei, franzino e debil como uma flôr de longa haste, ainda não pronunciara uma palavra.

\*

Interrogado, respondeu:

—Não prestei attenção ás batalhas na planicie, ao pôr do sol, nem reparei nas pessoas caritativas que soccorrem os moribundos nas cidades devastadas pela peste. Porque, no dia da nossa partida, logo que dei os primeiros passos, vi uma cousa, depois da qual nada mais pude ver; e de certo não serei eu que obterei o premio.

O Magico perguntou:

—O que foi que viste, creança?

—Ao transpor as portas de uma pequena cidade, volveu Roselin, vi a uma janella uma menina que chorava. Approximei-me. Os seus olhos, côr do céu, assimilavam-se a dois *forget me not*, humidos da chuva. Pareceu-me formosissima. A minha attenção, porém, absorveu-se nos seus olhos, inundados de lagrimas. «Qual é, perguntei, o motivo do seu desgosto?»

—«Choro, respondeu-me ella, porque o meu noivo, o unico ente que eu amava, abandonou-me para seguir uma cigana, que o seduziu.»

E a infeliz soluçava, deixando pender a fronte nas mãos branca e esguias.

Então, chorei tambem, e depois, nas minhas viagens, nada mais vi, tanto os meus olhos permaneceram velados por aquellas deliciosas lagrimas.

O bom Genio exclamou, afagando, risonho, a sua barba branca:

—O poeta serás tu, meu filho! porque nada ha tão nobre e tão sagrado como a dor das virgens apaixonadas; foste tu que trouxeste a recordação preciosa!

Outhorgar-te-hei o dom dos rythmos e das rimas sonoras; mas tu, que choras ao ver chorar uma virgem, sabe, creança, que a poesia és tu!

GUIMAR TORREZÃO.

## LONGE, BEM LONGE . . .

Eu pensava não ter realidade  
O typo divinal da *Morgadinha*;  
Mas vejo que elle existe de verdade,  
Pois tens o porte seu, a sua linha!

E é por ser assim, que tu és minha:  
Andava-te a buscar com anxiedade,  
O' mixto de capricho e de bondade,  
Meu ideal de escrava e de rainha.

Teus olhos são azues, da cor dos ceus,  
Formavam-se grilhões dos teus cabellos  
E do teu rosto as folhas da cecem . . .

Mas ainda bem mais que os olhos teus,  
Que o rosto e fulva trança . . . os meus anhelos  
São as *fioritur* do teu desdem.



## Os ultimos acontecimentos das ilhas Sandwich

A derivação para o archipelago havaiano ou ilhas Sandwich de uma boa parte da emigração madeirense, que faz portanto com que exista n'esse archipelago uma importante colonia portugueza, faz com que não possamos deixar de ligar um grande interesse aos acontecimentos que estão convulsionando a monarchia do rei Kalakaua. Algumas palavras a respeito da historia e da situação d'este archipelago serão, portanto, assim o esperamos, bem acolhidas pelos leitores da *Illustração Portuguesa*.

Fica o archipelago situado no Oceano Pacifico, do Norte no tropico de Cancer, entre 18 e 23° de latitude Norte, 155 e 160 graus de longitude oeste, a setecentas leguas da America, e a distancia proximalmente igual da Asia, sendo portanto uma estação maritima natural entre a China, o Japão e a California. O seu clima é saudavel, o solo fertil, e o porto da sua capital, Honolulu, um dos melhores do Pacifico, seguro e accessivel em todos os tempos.

Estas ilhas foram descobertas em 1555 por um missionario hespanhol, mas a Hespanha, que tinha já na America territorio demais, não se importou com a descoberta, o archipelago conservou-se desconhecido, de forma que o famoso capitão inglez, Cook, que o tornou a encontrar em 1775, julgou que o descobrira. Foi n'essas ilhas que o famoso navegador encontrou a morte, caindo ás mãos dos indigenas, victimas tambem um pouco da sua indole violenta, e da brutalidade com que os tratava. Muito diverso systema foi seguido por Vamonver, que alli aportou tempo depois, cujo nome ficou sendo legendario entre os habitantes d'estas ilhas, e que alli deixou as productivas sementes da civilisação. desenvolvidas em 1824 pelos missionarios americanos, e em 1827 pelos missionarios francezes. Esta concorrência foi que valeu ao archipelago, porque nem os francezes consentiram que a Inglaterra d'elle se apoderasse, nem os inglezes consentiram o mesmo á França. Chegou-se mesmo a assignar um tratado entre as duas nações para se reconhecer formalmente a independencia do archipelago. Este tratado não quizeram os Estados-Unidos assignal-o, allegando rasões superiores, que avultavam o desejo de conservar a seu respeito completa liberdade de acção.

A prosperidade das ilhas Sandwich começou com a prosperidade da California. Quando se descobriram n'esta provincia oriental dos Estados-Unidos os ricos jazigos de ouro que a tornaram celebre, affluir alli, como é sabido, uma multidão enorme, que encontrava ouro á farta, mas que não encontrava mais nada.

Foi então que os vapores americanos affluiram ás ilhas Sandwich a pedir ao seu fertil solo todos os generos de que os mineiros da California careciam. A agricultura naturalmente desenvolveu-se, animada pelos capitães americanos. Veio a riqueza e com a riqueza a civilisação.

Até ahí as Sandwich eram frequentadas apenas pelos navios baleeiros; mas já então, graças sobretudo á influencia dos missionarios, a civilisação penetrara n'aquellas ilhas, cujos habitantes manifestavam uma intelligencia prompta e avida de saber. Em 1780 Kamekameha I sujeitou ao seu dominio todas as ilhas do archipelago, e fundava ao mesmo tempo a dynastia e a civilisação havaiana.

Temos empregado indifferentemente os termos Sandwich e Hawaii; é que na realidade são ambos applicaveis a este archipelago.

Sandwich foi o nome que lhe deu Cook, em nome do primeiro lord do almirantado; Hawaii é o nome indigena da ilha maior, nome que se applicou depois ao archipelago todo.

A California, como dissemos, concorrera extraordinariamente para a prosperidade das ilhas Hawaii, mas o que levou ao seu auge a riqueza do reino dos Kamekameha foi o tratado que assignaram com elle os Estados-Unidos, tratado pelo qual se assegurou aos productores hawainos o monopolio da venda de assucar na California e no Oregon, em troca da admissão nas Sandwich dos productos manufacturados dos Estados-Unidos sem pagamento de direitos. Este tractado já era vantajoso em condições normaes, mas tornou-se vantajosissimo para o archipelago quando, n'esses dois Estados americanos se descobriram ricas minas de prata que fizeram com que para alli affluissem novos emigrantes. Resultou d'este facto o elevar-se por tal forma o consumo dos productos hawainos na America, que a producção, apezar de se ter desenvolvido immensamente, já não bastava. As plantações encontravam compradores por altos preços; procuravam-se braços por toda a parte, e os agricultores, que até ahí se contentavam com os que provinham da China e do Japão, vieram procural-os até aos Açores e á Madeira. Foi o que deu origem á corrente que se estabeleceu entre as nossas ilhas adjacentes e esse remoto archipelago.

Em 1872 morria Kamekameha V, e o throno foi preenchido por eleição, apesar de haver um partido que sustentava os direitos da rainha Emma, viuva do fallecido rei. O eleito foi David Kalakaua, que não tendo nascido no throno, e achando-se á frente de um paiz que nadava na abundancia e onde a vontade regi-

não encontrava facilmente obstaculo, deixou-se levar não só pela gloria de ter um reinado brilhante, mas tambem pelo gosto de saborear as doçuras da sua nova posição, gastando á larga consigo proprio. O ministro, a quem entregou toda a sua confiança, era um americano, Walter Gibson, que, longe de pôr cobro a estas tendencias do soberano, as animou e as desenvolveu. Encontraram rei e ministro um homem como elles desejavam, um allemão, chamado Sprekel'o, que está naturalizado americano, e tem a sua casa bancaria em S. Francisco da California, allemão que poz ás ordens do rei, do ministro e ainda dos principaes plantadores da ilha todo o dinheiro de que careciam: o rei, para seu divertimento pessoal e para grandes pompas publicas, Gibson para assegurar o seu futuro e para fazer de Honolulu uma cidade encantadora, onde os ricos californianos de S. Francisco possam ir passar a estação invernosaa—á Nice da California, os plantadores finalmente para melhorar o seu material e desenvolver a sua industria.

Poz assim tão completamente nas suas mãos todo o commercio havaiano e sujeitou por tal forma ao seu dominio a politica do rei Kalakaua que pode juntar bens verdadeiramente colossaes e que em pouco tempo se tornou em S. Francisco da California o grande dominador do mercado dos assucares, merecendo assim a denominação do «rei dos assucares,» como Ephrusi tem na Europa a denominação do «rei do trigo».

Mas esta politica financeira, verdadeiramente insensata, provocou afinal a indignação dos contribuintes, que se revoltaram contra ella, e que obrigaram em primeiro logar o rei Kalakaua a demittir o seu primeiro ministro, Walter Gibson, substituindo-o pelo sr. William Green, e que o ameaçam já com a abdicção, ou com a reforma da constituição havaiana, constituição promulgada em 1864.

O que está porém no fundo da politica havaiana é que é necessario ver, e os paizes que tem alli interesses seus ou interesses dos seus nacionaes, não podem deixar de seguir attentamente as evoluções d'esta politica.

No archipelago das Sandwich o elemento estrangeiro que domina é o elemento americano, e reclama com toda a insistencia a annexação aos Estados-Unidos. Segue-se-lhe em importancia a colonia ingleza e a allemã que, juntamente com a franceza e sobretudo com os indigenas, resistem o mais energicamente possivel a essa tendencia.

O governo dos Estados-Unidos é que é o primeiro a não querer a annexação. Já em 1852 a teria se a quizesse, e regentou-a. Em 1873 de novo a podia ter obtido, mas limitou-se a pedir o estabelecimento de um enterposto collocado debaixo da direcção exclusiva de um delegado dos Estados-Unidos, e de uma estação maritima collocada na embocadura do rio da Perola, a 16 kilometros de Honolulu, estação que podesse servir de porto de abrigo e de abastecimento não só ás suas frotas militares, mas tambem ás suas frotas de paquetes que ligam a America com a Australia, a India, a China e o Japão.

N'este momento o pensamento da annexação aos Estados-Unidos manifesta-se de novo, mas a evolução que se deu na politica havaiana não lhe é favoravel. William Green é inglez de origem e não é um annexionista.

O governo de Washington tem comtudo nas suas mãos, realisar quando quizer essa annexação. O tratado, e que as ilhas Kawai devem a sua prosperidade, não é perpetuo, é renovavel de sete em sete annos. Basta que n'um d'estes prazos os Estados-Unidos não concordem com a sua renovação, basta que obriguem o assucar das Sandwich a pagar nas alfandegas da California o mesmo direito elevadissimo que paga o assucar de qualquer outra proveniencia, para o archipelago ficar arruinado. Pelo contrario, a annexação, abrindo ao archipelago em plena franquia todos os portos dos Estados-Unidos, contribuiria ainda mais para a sua prosperidade.

Mas consentirão n'essa annexação as duas potencias signatarias do tratado de 1843, e principalmente a Inglaterra? A esse respeito diz o sr. C. de Varigny, cujo estudo aproveitamos n'este rapido artigo:

«Não se deixará (a Inglaterra) privar sem resistencia da chave do Oceano Pacifico do Norte. Já pela construcção do caminho de ferro transcanadiano se emancipou do tributo que os seus productos pagavam, tomando a via ferrea dos Estados-Unidos, de New-York a S. Francisco. Possui tambem agora uma grande linha de communicação atravez do continente americano, toda no seu territorio, e que desemboca no Pacifico.

A neutralidade do archipelago havaiano lhe é indispensavel para a segurança das suas communicações entre essa testa de linha e a Asia. Sem essa neutralidade, todo o seu transito maritimo no Oceano Pacifico do Norte fica arriscado e os adversarios do seu dominio no Canadá colheriam d'esta situação forças novas e novos argumentos para a annexação d'essa immensa provincia aos Estados-Unidos. O trabalho de desagregação que se opera nas margens do Ontario, e que pouco a pouco leva o Canadá a reivindicar pelo menos a sua independencia da metropole, se tornaria ainda mais accentuado.

Já a Australia se agita e sonha um imperio autonomo, vendo-se apertada entre as possessões colonias da Alemanha, que, pela occupação parcial da Nova-Guiné e do archipelago Bismarck he toma o caminho do Norte para as Carolinas quando a Fran-





DORINDA RODRIGUEZ



D. JOSÉ RODRIGUEZ Y GONZALES

ca lh'o fecha a léste com o Nova Caledonia e as Novas Hebridias. Mas Sandwich viu-se successivamente desapossada pelos Estados-Unidos da sua supremacia, em consequencia da visinhança da California e da negociação do tratado do livre-cambio.»

Eis, portanto, qual é a situação do archipelago hawaiano, onde existe já hoje uma colonia talvez de oito a dez mil portuguezes.

PINHEIRO CHAGAS.

## A FABRICA

Seriam quatro horas da tarde. Um sol de julho,—sol de prata em fuzão,—estendia ao de cima das aguas a immensa cauda luminosa da sua irradiação. Fazia aquillo no ar umas reverberações palpitantes, como um nevoeiro de luz em que a vida do rio, activa, silenciosa, apparecia fugitiva como as miragens. Altas velas entrevistas, que aquella hora deslumbrante pareciam louras, passavam ao longe como que esgueirando-se. Eram grandes barcas que vinham de Noirmontiers, carregadas até á borda d'um sal branco, scintillante de mil palhetas, e tr puladas por companhas pittorescas: homens com o grande tricorne bretão, mulheres cujas toucas fartas, esvoaçando, tinham a brancura e a scintillação do sal. Viam-se tambem fragatas, similhando baldes fluctuantes, com o convez atulhado de saccos de trigo e de pipas; rebocadores arrastando interminaveis fleiras de barcos, ou algum navio que vinha do fim do mundo, recolhendo ao porto ao cabo de dois annos de ausencia e subindo o rio com um movimento lento, quasi solemne, como se comsigo trouxesse o recolhimento silencioso da patria readquirida e a poesia mysteriosa das coisas vindas de longe. Apesar do calor de julho, corria uma briza por todo aquelle bello scenario, porque o vento vinha do mar com a frescura e a alegria da amplidão, e fazia adivinhar nm pouco mais longe, além d'essas ondas cerradas que o socego e a tranquillidade das aguas doces abandonava já, o verde do Oceano sem limites, as vagas, as resacas, as tempestades.

No nevoeiro de prata que envolvia a ilha viam-se confusamente grandes renques de choupos, e altas chaminés d'onde subia um espesso fumo negro, derramado, que sujava o ceu. Ao mesmo tempo, ouvia-se uma inferneira ribombante, martelladas em cima de ferro, fragores surdos, cutros mais claros, diversamente repercutidos pela soncridade da agua, e sobretudo um resonar continuo, perpetuo, como se a ilha fosse um immenso vapor parado, activando as suas rodas e o seu movimento na immobilidade.

A' medida que a barca se approximava, lentamente, muito

lentamente, porque o rio era caudaloso, distinguiam-se compridos edificios de tectos baixos e paredes ennegrecidas, estendendo-se para todos os lados com uma chateza uniforme; e depois, á beira do rio, a perder de vista, enormes caldeiras alinhadas, pintadas de vermelhão, e cujo encarnado brilhante fazia um effeito phantastico. Transportes do Estado, chalupas a vapor, enfileiradas no caes, esperavam que lhes mettessem dentro essas caldeiras, por meio d'um enorme guindaste collocado ali ao pé, e que, de longe, parecia uma forza gigantesca.

Baforadas de calor, cheiros de hulha, de ferro em combustão, sabiam da fabrica com um impalpavel pó negro, agudo, candente, que ao sol tinha uma scintillação metalica, esse brilho de huiha, que podia muito bem fazer-se diamante. Mas o que dava o caracter vivo, apressado, offegante, de todo esse grande trabalho, era um abalo perpetuo do solo e do ar, uma trepidação continua, assim como o esforço d'um animal enorme que tivessem encurralado debaixo da fabrica, d'algum animal cuja respiração affogueada e cujo mugido sabisse por todas aquellas chaminés abertas.

ALPHONSE DAUDET.

## ABSOLV DA

—«Não negues, minha filha; tu fizeste alguma acção villã.  
Adivinhei-o quando estremeceste  
ao ver tua mamã.

Olha: vem ao meu collo. Inclina assim  
a tua cabecinha...  
Agora dize tudo, Cherubim,  
á tua mamãsinha.»

Então, a pomba joven enroscando  
os seus tenros bracitos—soluçando—  
no pescoço da mãe,  
começou a fallar... Não eram fallas:  
eram os sons, por perolas e opalas,  
e por rubis tambem,

gerados ao cair sobre o granito  
d'uma eira, ao luar,  
e que fossem depois, pelo infinito  
brandamente echoar.



—«Mamá: peço perdão!... Eu tive pena d'uma creança pobre que encontrei. Tinha os olhos azues, face morena... Eu tive pena e dei os meus brinquedos a um pobresinho p'ra elle brincar tambem pelo caminho!»

—«Ah! minha rica filha, tu fizeste uma acção tão lusida!... Vou dar-te outros brinquedos p'los que deste, e ficas absolvida

Porto—87

FRANCISCO CAMPOS.

## LINDITA

(CONCLUSÃO)

Em publico de uma rispidez affectada, era, no tracto intimo, quando só com os pensionistas, de uma jovialidade, de uma bonhomia rara, um *passa culpas*, como os seus commensaes lhe chamavam na alegre giria escolastica. Alvaro foi amimado pelo velho, que lhe apresentou os futuros companheiros, dois mancebos uns tres annos mais velhos que elle, uns pandegos que, com uma persistencia digna de melhor sorte, recebiam, impavidos, annuaes reprovações. Os jovens abraçaram-se e desde logo, n'uma abundancia de gestos e phrazes protectoras, prometteram ser amigos para a vida e para a morte.

A noite d'aquelle dia ainda a passou Alvaro triste, com saudades da sua aldeia querida, dos paes, da irmã e principalmente de Lindita. De manhã, ao despedir-se do crezdo, foi todo recommendações, pezares, pedidos, uma continuada e incommoda choradeira; mas d'ahi a semanas já não parecia o mesmo. A convivencia de companheiros estouvados desenvolvera lhe, instantaneamente, essas paixões más, que jazem em embrião no coração de todos os rapazes, fadadas a só apparecerem quando aos defeitos da educação de familia se juntarem os exemplos desmoralisadores de companhias pervertidas.

O mal e o bem estão justamente equilibrados cá dentro em todos nós, desenvolvendo-se um ou outro conforme mais ou menos fortemente actuarem as correntes dos exemplos de que nos virmos cercados. O vicio e o crime são apenas phases morbidas, uma especie particular de febre, que tão facilmente póde ter cura como aggravar-se e tornar-se chronica. Não ha um só criminoso que, antes de chegado ao periodo em que toda a cura é impossivel, se não transforme n'um homem de bem, desde o momento em que seja sujeito a uma atmospheria de virtude e honestidade; assim como tambem o que dá os primeiros e titubiantes passos no crime se perde fatalmente, se o embrenharmos n'um meio deleteriamente corrupto.

Com Alvaro deu-se um caso semelhante.

O tímido aldeão, que chorava de tristeza ao vêr-se transportado para uma cidade estranha e um meio tão differente d'aquelle onde até então vivéra, transformara-se n'um esturdio, que passava alegremente as noites, de guitarra sobraçada, em companhia de outros alegres trocistas, correndo os becos immundos da cidade, n'uma devassidão precoce, de que fazia gala ante condiscipulos depravados. Não se esquecia de amiudadamente escrever á familia, pretextando saudades e terminando sempre, n'uma lamuria estudada, por pedir dinheiro, visto que os livros, papel e pennas custavam os olhos da cara, e eram precisos muitos leccionistas, o que obrigava a largas despezas. A resposta não tardava, acompanhada de maior ou menor remessa de dinheiro, que elle, logo, alegremente, ia gastar na pandega. Livros, ainda não tinha comprado um só.—Para estudar tinha tempo; o que queria era divertir-se; para isso é que viéra ao Porto—dizia elle muitas vezes aos sucios amigos. Quando, cançado das orgias, recolhia altas horas, com mil cautellas para não ser presentido do professor, e se via só no quarto, put ha-se a pensar na sua aldeia querida e no risonho tempo que por lá passára, descuidado, n'um viver salutar, suave e feliz. Tinha então visões terríveis, evocadas pela excitação dos sentidos. Via apparecer ante si, com toda a nitidez da realidade, duas jovens, uma de olhos castanhos, cabellos louros, d'aquelle belleza mystica com que os primeiros escriptores christãos nos pintam a Virgem e os martyres; a outra, uma mulher ardente e sensual, uma d'essas Venus da antiguidade, a quem os prazeres não cançavam, antes davam nova vida e novo vigor. Ambas caminhavam estreitamente unidas, e elle revoltava-se, sem saber porquê, contra aquella alliança. Atirabido, fascinado pelas formas deslumbrantes da virgem louca, queria unil-a ao peito, abraza-la com o fogo dos seus beijos, e em extasis sublimes entoar um cantico em louvor da natureza. Mas aproximava-se d'ella e encontrava a outra, estendia os braços, e em lugar dos

contornos luxuriantes e provocadores, abraçava um sér diaphano, que olhando tristemente para elle, dizia:

—Foge de nós ambas porque a nossa alliança é funesta, e buscando a minha companheira has-de tambem encontrar-me sempre a mim.—Elle bem queria resistir, bem esforços fazia por domar os sentidos, mas via-se instantaneamente atrabido pela harmonia da natureza, e deixava-se levar pelo revoltado mar dos desejos impuros, mas quasi logo o coração, esmagado por mil enganãos, procurava libertar-se dos ferreos laços do vicio, e era então a virgem de olhos castanhos que lhe lançava em rosto o pouco caso que fizera dos seus avizos. N'essa creatura innocente, verdadeiro symbolo da Dôr, que sempre acompanha o Prazer, via elle a imagem de Lindita, mais pura e bella do que nunca. Remorsos fundos enchiam-o então de terror, protestava emendar-se, ser bom, mas, chegada a manhã, as terríveis allucinações do seu cerebro doentio desapareciam como bandos de pombas ante o gavião audaz, e elle continuava a carreira que tinha infelizmente encetado.

Porém, n'uma das noites de orgia, um companheiro pervertido, uma d'essas almas inteiramente mergulhadas no lodo do vicio, e para as quaes não ha sentimentos bons, nem affeições puras e santas, em côro com as perdidias que lhe celebravam as faccias com devassas gargalhadas alvares, riu e zombou do amor de uma prima ingenua, que lhe dedicára os seus primeiros e virginaes affectos. Narrou os mais reconditos segredos d'aquelle paixão, e, n'uma crueza repugnante, nuamente patenteou as suas tenções impuras, promettendo com solemnidade profana dar um lauto jantar a todos os companheiros da pandega no dia em que alcançasse a desejada victoria. Arrastados pelo mau exemplo cada um dos presentes contou as suas primeiras e picarescas aventuras e celebrou como virtudes as torpezas mais negras e abjectas. Durante as narrações, que eram a cada passo interrompidas pela troça, ditos causticos e esfusiantes gargalhadas, Alvaro conservou-se a um dos cantos da sala, abstracto, mal ouvindo o que se dizia, e córando ao reconhecer pela primeira vez profundamente o immundo pélago onde cahira. Indignara-o o ver abocanhado pelas mulheres mais vis o amor santo e casto de umas pobres creanças, que confiadamente criam nos eleitos do seu coração, e isto, illuminando-lhe o espirito, mostrou-lhe a funda serie de vergenhas de que estava tapetado o caminho que na sua experiencia infantil descuidadamente encetára. Começou desde então a abandonar as companhias esturdias de que até ali fizera parte, e a concentrar-se no estudo, com uma assiduidade febril, verdadeiramente doentia. Mas os differentes abalos por que passára, as consequencias dos excessos, e as longas vigílias, produziram-lhe uma fortissima febre cerebral do peor caracter possivel. A familia, avisada por telegramma, apressou-se a vir buscal-o ao Porto. Apesar de todos os cuidados, a doença augmentou de tal modo com a viagem, que chegou, por momentos, a tomar um caracter verdadeiramente assustador. Durante semanas esteve Alvaro entre a vida e a morte, sem esperanza alguma de cura; mas um dia appareceram umas pequeninas melhoras, que ajudadas pelos bem applicados medicamentos, e principalmente pela sua excepcional robustez physica, venceram completamente o mal, entrando o doente, desde logo, no periodo da convalescência.

Lindita velou sempre junto do leito de Alvaro, em companhia da senhora de Souzaello e de Etelvina; quando a fadiga vencia a mãe ou a irmã, era ella que se encarrugava de lhe applicar os remedios e vigial-o nos frequentes acessos em que se agitava febrilmente, em longas convulsões, soltando gemidos e sons inarticulados. Por vezes, quando após aquelles repetidos acessos o doente cahia n'uma prostração muito visinha da morte, o desanimado tambem se apoderava da sua alma; então ia ajoelhar junto de uma Virgem que se achava no quarto, e dirigia-lhe vehementes preces, repassadas da mais pura crença religiosa. Parecia lhe, n'esse momento, ver a imagem cercar-se de uma resplandecente aureola, animar-se e responder por signaes de protecção ás suas angustiosas preces; e isto dava-lhe novo animo e novas forças. Quando o doente começou a conhecer que d'elle se acercavam, foi um dia de jubilo para aquella familia, que não podia crer em tanta ventura. As melhoras foram augmentando cada vez mais, até permittirem que abandonasse o leito por uma cadeira junto de uma janella que dava para o jardim. Alli passava Alvaro horas e horas, conversando com a irmã e com Lindita, que se sentavam junto d'elle, a trabalhar nos seus bordados. Por vezes, n'aquelles caprichos de creanças doentes e amimadas, obrigava as raparigas a irem ao jardim colher-lhe flores, que elle indicava da janella, e a trazer-lhe cada uma o seu ramo.

O da irmã era quasi logo esquecido, mas o de Lindita permanecia todo o dia junto d'elle; beijava-o com paixão nos poucos instantes em que ficava só. A influencia salutar da familia e a candida innocencia das duas jovens, que lhe dedicavam ambas uma amizade pura e sincera, concluíram a transformação iniciada antes da doença. Os passados desregramentos mal lhe vinham á memoria; agora, a sua maior preocupação era recobrar completamente a saude, para poder correr pela quinta e gosar da esplendorosa primavera, que começava já a florir os campos e a aromatizar as estradas, com a essencia preciosa da obscura madre-silva.

No primeiro passeio que deu, amparado pela irmã e por Lin-





A BAILARINA



dita, que riam da fraqueza e hesitações do convalescente, o dia estava esplendido e d'uma serenidade excepcional.

No alto, no alto, quasi a perder de vista, voavam as andorinhas, recortando os ares em caprichosas voltas, e o seu continuo chiar chegava-lhe tão transformado aos ouvidos, que mais parecia tenue sussurro de zephyro entre as verdes folhas, do que fortes gritos de alados seres. No tanque proximo, as rãs, collocadas sobre as largas folhas das plantas aquaticas, ou nas enlameadas margens, em um coaxar melancolico, lastimavam a sua triste e humida sorte, e os vegetaes, acordando do longo somno invernal, desenvolviam-se n'uma exuberancia de seiva promettedora das mais formosas florescencias. Os jovens, depois de darem uma pequena volta no jardim, encaminharam-se para uma enorme australian, que espalhava em todas as direcções os seus braços collossaes, e sentaram-se á sua agradável e benefica sombra, ficando por momentos enlevados na contemplação dos immensos tapetes de verdura que se lhe estendiam ante os olhos, entre os quaes variegadas plantas se elevavam altaneiras, ostentando as folhas lustrosas, de reflexos prateados. De tempos a tempos um raio de luz atravessava a ramaria e fasciculos luminosos se reflectiam no obscuro solo.

—Que esplendido tempo e que suave tardel exclamou Alvaro, arrebatado pelo magico espectáculo que avidamente contemplava. O ceu parece hoje de um azul mais puro, o ar mais aromatisado que nunca, e julgo perceber a Natureza entoar-me aos ouvidos deslumbrados, entusiasticos cantos de alegria e felicidade. Como é bom viver!

—Está um dia magnifico, está... mas tu deves acautellar-te da humidade da relva... Vou buscar um tapete para pôres os pés.—E a irmã, cantarolando alegremente, correu em direcção a casa. Alvaro seguiu-a com os olhos, e logo que ella desapareceu, voltou-se para a companheira, a quem se dirigiu em voz quasi sumida, mas d'uma meiguice indefinivel.

—Lindita, há muito que esperava, com ancia, o momento de poder estar a sós contigo, para te patentear o fundo affecto que te dedico. Oh! não fojas, interrompeu, ao vêr a timida creança levantar-se com gesto de assustada; ouve o que tenho a dizer-te e deixa-me desabafar este segredo, este amor que me mata...

—A amizade que me tem todos d'esta casa, a confiança com que me honram, impõem-me o dever de lhe não ouvir taes palavras, que reputo uma loucura, pronunciou Lindita quasi n'um soluço.

—Tu, que foste a minha companheira nos brinquedos infantis, tu, que ha bem pouco, quando prostrado no leito, tiveste para commigo os extremos d'uma irmã affectuosa, tens animo para me tratar com tanta crueldade? Duvidas acaso da sinceridade dos meus sentimentos, ou que te fiz para tal merecer?

—O sr. Alvaro bem sabe que eu só tenho recebido n'esta casa os carinhos de filha dilecta e que o estimo tanto como... como estimo a todos os outros. O que não posso, é... é amalo.

—Não podes? Acaso o teu coração já bateu por outro? Possuirá porventura algum feliz camponio esse affecto que seria a minha vida, e que me daria uma felicidade que tanto ambiciono?

—Não, isso não, juro-o... Eu... nunca amei ninguem. Mas, peço-lhe que tenha compaixão de mim, e que não me obrigue, para fugir a uma afeição que não mereço, a abandonar esta casa a que tanto quero. Acaso não sabe quem eu sou?

—Sei que tens sido para mim uma irmã e que és a filha estremecida de nossa mãe. E' o bastante e nada mais preciso saber.

—Mas eu é que não posso esquecer-o. O sr. Alvaro é devéras cruel, dirigindo-me galanteios que nada pode justificar, e que eu procurarei esquecer, como uma loucura, sem outra consequencia além da de nunca mais me deixar estar com toda a tranquillidade junto dos seus.

—E' assim que recibes o meu affecto leal? E' assim que pagas as puras expressões do meu sentu? Pois bem, recalcarei no fundo do meu coração todos os sentimentos bons que a tua imagem despertara em mim, mas peço-te tambem que me respondas francamente, com lealdade, a uma ultima pergunta: Nunca me poderás vir a amar?

—Nun... nunca, senhor Alvaro... E d'uma pallidez livida, comprimindo o peito com as mãos, como se receiasse que o coração lhe saltasse por elle fóra, encostou-se, desfallecida, ao nodoso tronco da arvore.

N'esta occasião Etelvina, alegremente, com um pequeno tapete na mão, assomou no extremo do jardim; chegada junto d'elles, debalde procurou com a sua garrulice despertar a conversação. Alvaro e Lindita, quando provocados, respondiam apenas por monosyllabos, o que devéras espantou a ingenua rapariga, que não podia comprehender a causa de tão subita misantropia. Na noite d'esse mesmo dia, Alvaro mostrou desejos de ir para o Porto revigorar a saude, no que foi apoiado pelo velho facultativo, amigo intimo da casa, que chegou mesmo a propôr uma viagem pela Europa, meio esse efficaz para activar e completar a cura. O pae, que doidamente estremecia o filho, e que ainda mal estava resarcido do susto que havia pouco soffrera, julgando-o perdido, accedeu promptamente, e d'ahi a dias, de manhã cedo, Alvaro, muito enroupado, cavalgando uma possante muar, seguia

em direcção á proxima estação do caminho de ferro. Ia silencioso, cabisbaixo, acompanhado do velho creado, que se entretinha soprando fortemente aos dedos, a vér se lhes activava a circulação um pouco paralysada pelo agudo nordeste que então fazia.

Já quando o vulto dos dois cavalleiros mal se divisavam no fim da longa estrada, a janella da casa de Lindita abriu-se silenciosamente, e um vulto lacrimoso assomou a ella, olhando avidamente para o extremo onde estavam prestes a desaparecer Alvaro e o creado.

N'este momento rompia o sol, colorindo o horisonte com rubros traços de fogo, e um rouxinol, occulto na espessa folhagem de uma cerdeira proxima, saudava o dia nascente com voz tão maviosa e apaixonada, que fazia lembrar aquelles versos:

Com tamanha ternura a gentil noiva  
Não chamou nunca adolescente esposo...

do padre José Agostinho de Macedo, que nem parecia padre—o raio do homem!

## IV

Mezes depois voltava Alvaro á sua aldeia. Viajara aavez da Europa, percorrera as primeiras capitães do mundo civilizado, contemplara em doces enlevos as maravilhas de Veneza, a bella, assombrara-se ante a imponencia de S. Pedro, em Roma, e admirara a vida e a alegria de Pariz e Londres; mas nos museus, nos palacios, nos theatros, em toda a parte, um qualquer nada despertava-lhe as saudades da sua querida aldeia e da estremecida companheira da infancia, da sua formosa Lindita.

Voltava mais apaixonado do que nunca e resolvido a tudo confessar a seus paes, de cujo amor esperava um lenitivo para tão amargas dôres.

Era noite cerrada quando chegou a casa.

A familia esperava-o de braços abertos, n'aquella effusão de sentimento que em nós desperta a chegada de um ente querido, cuja ausencia demorada nos encheu por muito tempo o coração de pezar.

Satisfeitas as primeiras explosões de sentimento, Alvaro, olhando á volta de si, atreveu-se a perguntar:

—E Lindita?

A esta simples interrogação, a mãe e a irmã proromperam em soluços, enquanto o pae, pousando-lhe a mão no hombro, respondeu melancolicamente:

—Ha cinco dias que morreu...

Porto.

EDUARDO SEQUEIRA.

## AS NOSSAS GRAVURAS

D. JOÃO FRANCISCO CAMACHO

D. João Francisco Camacho é uma das individualidades politicas mais salientes e distinctas do paiz visinho, um dos homens que, como ministro da Fazenda, mais tem pugnado pelos interesses e prosperidades da Hespanha moderna.

A primeira vez que geriu aquella importantissima pasta foi n'um ministerio presidido por Sagasta, depois de ter occupado durante vinte annos em côrtes o logar de deputado. Fallando d'elle, por essa occasião, ao presidente do conselho, disse Romero Robledo que Camacho era, em sua opinião, o melhor depositario das receitas publicas e o mais habil administrador do paiz.

O illustre financeiro começou a sua gerencia restabelecendo o imposto do consumo. Succedeu isto em 1872.

Succumbindo a republica, por uma violenta aggressão á Assembléa, e rota a colligação governamental de radicaes e conservadores, foi nomeado presidente do conselho o general Zavala, que, sem consultar ninguem, chamou Camacho para a pasta da Fazenda. Quando o illustre estadista se preparava para restabelecer todos os impostos inoportunamente supprimidos pela democracia republicana, surpreendeu-o a restauração, e abandonou a politica activa.

Em 1881 foi pela terceira vez ministro da Fazenda, levando a cabo, com feliz exito, a vantajosa conversão da Divida publica, operação financeira de indiscutivel utilidade. Na sua gerencia fez Camacho prodigios de administração e bom governo. Durante esse tempo, os fundos subiram, o credito consolidou-se, cessaram os martyrios do thescuro, as acções do Banco tiveram larga procura, e as receitas aduaneiras desenvolveram-se de uma forma espantosa, como até então nunca se tinham desenvolvido.

Surgindo uma crise no seio do gabinete, o illustre ministro teve de pedir a sua demissão.

Decorreram mezes. Alfonso XII agonisava e morria no Pardo. Camacho foi, pela quarta vez, chamado aos conselhos da corôa, para gerir a pasta que já tanto illustrára. A opinião publica exi-



gio de Sagasta esta nomeação. Feita ella, o panico cessou e a confiança restabeleceu-se acto continuo. Homem de condição sincera, Camacho levou a sinceridade á politica, embora soubesse que, na politica, o caminho da sinceridade é o caminho do Calvario. Dotado d'uma severidade austera e de um caracter de rija tempera, declarou inamoviveis os empregados do seu ministerio. Era tenaz na sua firmeza e intransigente nas suas convicções. Justo até aos limites heroicos, irreprehensivel na sua rectidão espartana, e impassivel na sua indiferença estoica, Camacho ouvia as supplicas sem interesse, as ameaças sem temor e as lisonjas com desprezo.

Cabiu pela ultima vez do governo em consequencia d'uma imposição a que não quiz submeter-se,—por julgal-a contraria ás disposições vigentes, e em virtude d'uma dissidencia levantada, por tal motivo, entre elle e o presidente do conselho.

Sahindo do governo, Camacho voltou á tranquillidade dos seus penates, sem comtudo abandonar e aborrecer a vida publica, a que se deve, sem deixar de estremecer a sua querida patria, cujas prosperidades são o seu mais formoso ideal.

DORINDA RODRIGUEZ

Dorinda Rodriguez, a graciosa tiple comica da companhia que actualmente se exhibe no theatro da Trindade, é a desolada e misera viuva de D. José Rodriguez y Gonzalez, o infeliz violinista barbaramente assassinado na praça de D. Pedro, por Gabriel Archanjo dos Santos, um faquista infamissimo e covarde.

A graça adoravel de Dorinda Rodriguez, o *salero* com que canta todas as operas do seu vasto repertorio, fez com que se tornasse a artista querida do nosso publico.

Debutou Dorinda Rodriguez no theatro «Recreos Matritenses», revelando desde logo a maior vocação para a scena. Intelligente, graciosa e muito viva, foi conquistando as sympathias, não só dos seus mestres, como do publico perante o qual se apresentava.

Tempos depois da sua estreia, foi escripturada para um dos theatros da Havana, e alcançou ali um tal successo, que o empresario teve de renovar a escriptura da gentil artista, então primeira tiple da companhia.

O «Atheneu» da Havana concedeu-lhe, por essa occasião, o titulo de socia honoraria.

Quando a actual companhia que canta na Trindade esteve no Porto, Dorinda teve ali um sympathico acolhimento, e era rara a noite em que o palco se não juncava de flores e a platéa se não convertia em um vulcão de entusiasmo.

O sr. Cyriaco Cardoso, empresario do theatro Baquet, accedendo aos desejos do publico portuense, escripturou a distincta artista para a proxima epocha theatral.

Publicando hoje o retrato de Dorinda Rodriguez, associamos do coração ao profundo golpe que ella acaba de soffrer, e sentimos que a fatalidade se tenha encarregado de lhe avigorar a *réclame*, roubando-lhe em poucos dias os tres entes que lhe eram mais queridos: marido e dois filhos.

O nome de Dorinda Rodriguez tornou-se, nos ultimos dias, o assumpto de todas as conversações; Lisboa inteira sentiu, como nós, a magua porque está passando aquelle coração de esposa digna e mãe carinhosa.

O publico, que já sympathisava muito com a graciosa artista, pelo seu formoso talento e pelas finas qualidades do seu caracter, estima-a hoje duplamente, pela desgraça que a feriu e que teima em perseguil-a d'um modo implacavel.

GABRIEL ARCHANJO DOS SANTOS

(O assassino de D. José Rodriguez)

Um nome todo celestial, mas um coração d'uma fera.

Nasceu este infamissimo assassino não sabemos quando, e foi abandonado por sua mãe no Terreiro do Paço, tendo apenas um anno de idade. Em 16 de abril de 1854 foi entregue á Misericordia, que o sustentou ali uns oito annos, fazendo o depois admittir na Casa Pia, onde esteve até aos 14 annos, em que saiu para aprender o officio de tecelão, mister em que se empregou e que abandonou por falta de trabalho, dedicando-se depois ao officio de polidor.

Assentou praça no corpo de marinheiros da armada como segundo grumete, servindo em diversos navios.

Desertou, e apresentando-se mais tarde, foi julgado e con-

demnado a tres annos de deportação militar, dos quaes apenas cumpriu oito mezes, por lhe terem dado por expiada a culpa.

Depois d'esta epoca, entregou-se d'alma e coração á vadiagem, tornando-se o crapuloso e o assassino que ahí vemos.

Gabriel dos Santos, por alcunba o *Marujo*, é um homem macilento, tem bigode castanho, duro, barba por fazer, usa calça de bocca de sino e chapéu de coco. O genuino typo do fadista emérito.

D. JOSÉ RODRIGUEZ Y GONZALES

Este malogrado artista hespanhol, barbaramente esfaqueado na madrugada de 15 do corrente mez, por Gabriel Archanjo dos Santos, na praça de D. Pedro, era um homem baixo, delgado, e muito vivo. Usava bigode grande.

Como artista, classificam-n'o entre os mais distinctos. Como chefe de familia, diziam-n'o exemplarissimo.

D. José Rodriguez era primeiro violino na orchestra do theatro da Trindade. Foi á sahida d'aquella casa de espectáculo, passando com sua esposa pela praça de D. Pedro, que o Gabriel dos Santos lhe vibrou traiçoeiramente uma facada mortal.

MODAS

Descrever-te-hemos hoje, leitora, dois manteletes dos mais em voga em Paris.

1.º—MANTELETE DE BROcado DE SEDA, com longas pontas quadradas adiante. A parte inferior das pontas é bordada em passamanaria perlada. As mangas, pendentes, são debruadas de veludo e guarnecidas nos hombros com ricas granadeiras de perolas e em baixo com enfeites do mesmo genero.

Completa a *toilette* um chapéu redondo, guarnecido de gaze ligeiramente tufada, com pluma e ave de phantasia sobre a copa.

2.º—PEQUENO MANTELETE DE SEDA, corsage em pregas, descendo adiante em longas pontas plissadas, terminando em bico, franzido por meio de pingentes de perolas. Grande romeira, terminando em pontas adiante, e guarnecida por uma rica passamanaria, cercada d'um renque de perolas; granadeiras, e collarinho alto, de passamanaria. Um cinto russo, bastante alto, em passamanaria, ajusta o mantelete á cintura.

Um chapéu de palha, muito levantado na frente, guarnecido d'uma penna d'abestruz e d'um largo laço, em tope, posto ao lado, completa esta *toilette*.

A BAILARINA

A seducção nos olhos e sempre um sorriso postiço nos labios, que fascina e prende. O demónio feito carne, é o que ella é, enfeitando a multidão com os requebros do seu corpo gentil e airoso, com a desenvoltura dos seus movimentos de cobra.

Fujam d'ella a sete pés, se não querem ser tomados da tentação diabolica. E' perigosissima, esta gentil creatura; e quanto mais gentil, mais perigosa...

MIMI

(A Antonio Cardoso de Menezes)

Viva e morena, a minha doce flôr  
Da cabecita ao bolicoso pé  
Era um fino retrato encantador  
Recortado dos contos de Mendès.

Lia o «*Gil-Elas*», e o seu risito claro  
Punha na casa uma alegria franca.  
Andava sempre, requintado e raro,  
Um tenue aroma em sua roupa branca.







Filha, diziam, d'um flalço antigo,  
Mas filha, é claro, pelas linhas tortas,  
Creança, andára a mendigar ás portas,  
Por ninguém teve um sentimento amigo.\*

De ser amado a tresloucada esp'rança  
Alimentei sem medo aos seus remoques.  
Mas avisava: «Eu chamo-me, creança,  
Miss Aurora Polar dos *Ice-Hummocks*».

Odiava os bichos de cem pernas, e  
Os tetricos romances á Ponson.  
A pallidez doentia d'Anthony  
Não a achava moderna e de bom tom.

Unicamente a minha dhalia fria  
Amava um gato lazzarone e preto  
Que para mim a cada passo abria  
Pupilas cheias d'um terror secreto.

Era nervosa, activa, estouvada,  
Fazia ditos, e n'uns certos dias.  
A nossa pobre, artista agua-furtada  
Era um pombal de pombas d'alegrias.

Ora uma vez, n'uma manhã d'estio.  
Antes que enchessem de murmúrio o ceu  
As calhandras do pallido Romeu,  
Fomos passeiar de braço dado ao rio.

Jámais a vi tão fresca e tão bonita  
Na «jersey» clara, e doida, e satisfeita,  
Chalrando e rindo, a debil avezita,  
Feita de chammas e frialdade feita.

Sob as rendas do «tartarin» gracioso  
O seu olhar tão humido e rasgado  
Convidava-me, o dulcido guloso,  
A um almoço ao morangal molhado.

—«Olha, meu poeta, eu por morangos dava  
O teu robusto, impetuoso amor,  
Todo fragrante dos jasmims de Java  
Dos teus vinte annos, ramo d'ouro em flôr».

Quando voltámos, inda manhâsinha,  
Do nosso pic-nic tão frugal,  
Uma tossita e alguma febre tinha  
Arranjadas no fresco matinal.

Levou-a a morte n'um momento, e rindo,  
Rindo sempre sem unica saudade  
Do meu affecto singular, infindo,  
Cheio d'aroma, e luz, e mocidade.

Ah! chorou muito a minha dhalia fria  
Pelo atito lazzarone e preto,  
Que ra mim a cada passo abria  
Pupil cheias d'um terror secreto.

Mangualde, julho de 1887.

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.

## UM CONSELHO POR SEMANA

### POÇÃO CONTRA AS COLICAS

Xarope de diacodio.....	15 grammas
» de marmellos.....	20 »
Agua de ortellã.....	40 »
» distillada.....	50 »

Toma-se em duas ou tres vezes, com um intervallo de um quarto de hora.

## EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

### Charada em verso

—Servirá um mastro velho,  
Mestre *Vira*, para espeque  
Do seu carunchozo baque.  
Que está hoje tão vermelho?—1.

—Ah! se te caço  
Com esta bota  
O teu 'spinhaço!  
Val toma nota!—1

—Falla-me em notas! que encanto!  
E com tamanho *desvelo!*  
—Diga-me; aquelle chinello  
Saberá musica e *canto?*—1

—Ah! meu rapaz,  
Quer's um estoiro?  
Zas! Catrapaz!  
Dá-lhe co'um coiro.

MATHEUS JUNIOR.

### Charada em dialogo

Retribuição aos distinctos charadistas, «Serinhador» e «Saloió»

—Bons dias, caro Manuel!...  
—Adeus, amigo José!...  
—Queres vir agora aqui,  
Tomar commigo um café?—1

—Não, fico-te obrigado,  
Não me posso demorar;  
Mas se elle estiver bem doce,  
Ainda o posso ir tomar.—1

—A esse respeito, amigo,  
Creio não haver melhor!...—  
—'stá bem!... Tomo, se fôr doce,  
E ao contrario, se o não fôr.—1

—Mas, vamos então de pressa,  
Não me quero demorar!  
Vamos, vamos, já é tarde  
Já lá havíamos de estar.—

Lá se dirigiram, ambos  
Pelas nove horas ou dez;  
Quando chegaram, sentaram-se  
E tomaram dois cafés—1

—Queres mais alguma cousa?—  
Disse Manuel afinal.  
Se te parece, Manuel,  
Levemos d'este pardal?—1

—Para qué, se eu tenho em casa  
De que te faça presente?...  
E' um bonito animal!...  
Vem, que has-de ficar contente.

Covilhã.

ANTONIO RODRIGUES BRANCAL.



## Charadas telegrammas

(Em a:rostico)

A' distinctissima associação charadista

«CLUB D. S. PUNHAES DE PRATA»

- ecido é salpicado?
- scama é passaro?
- avego é embarcação?
- stola é tecido?
- arela é fructo?
- orega é senhora?
- lpista é talho da barba?
- aceira é instrumento?
- acaba é bobo?
- bano é poesia?
- aturno é dança?

Covilhã.

ANTONIO RODRIGUES BRANCAL.

## Logogripho

PREMIO: —Um atlas de geographia, ao primeiro que enviar a decifração para a rua de Paschoal José de Mello, n.º 66, 1.º

Foi um sabio das eras antigas—5, 6, 5, 4, 9, 11.  
 Na mythologia é celebrado—3, 8, 7.  
 Que sou planta, ninguem o contesta.—8, 5, 8, 5, 6, 8  
 E que sou animal, 'stá provado.—9, 8, 7

Uma arvore aqui acharás—5, 4, 10, 9, 11.  
 E reptil na verdade p'rigoso.—8, 7, 8, 5, 8, 7, 10, 8, 4, 8  
 Avesinha de lindo cantar.—8, 9, 8, 9, 8  
 E um peixe do mar, saboroso.—4, 2, 5, 8, 9, 11.

Queres agora o conceito?  
 Não sei como o deva dar.  
 Basta isto:—é uma planta.  
 Falta apenas decifrar.

Lisboa.

FRANCISCO ALVES P.

## Carta enigmatica

Offerecida á ex.ª sr.ª D. M. Carolina C., de Faro

Querida 16, 10, 18, 5, 4, 14, 12, 13, 14, 6

A 16, 9, 7, 12, 6 que me enviaste, ainda que um pouco 16, 10, 11, 7, 9, cá a decifrei.  
 Esperava 11, 14, 16, 13, 15, 3, 6, 5, 4 14, 12, 18 as 14, 15, 12, 13, 16, 13, 9, 3 que me mandaste  
 Fiquei muito 12, 7, 8, 3, 12, 4, ao saber da 5, 17, 7, 12, 18 da 10, 18, 15, 14, 15, 7; tinha por ella muita 4, 3, 12, 13, 5, 9.  
 A 16, 6, 7, 15, 10, 8 14, 11 está 5, 8, 19, 20, 2, 7 e estamos a banhos em 16, 9, 3, 16, 11, 4 3.  
 Não 18, 3, 12, 8, 5, 21 em saber que o 16, 9, 7, 10, 21, 3 vae 1 9, 3, 11, 7.  
 P. vine a 16, 11, 5, 13 19, 10, 6 de que tenho em meu poder varias 9, 6, 7, 12, 9 3—9, 5, 2, 7, 2 3, 9, 3 d'elle.  
 Não posso ir aos bailes pela 2, 16, 16, 6, 3, 13 11, 15 d'esse 16, 9, 3, 6, 5, 18, 14, 12, 15, e tem cautella, porque as 12, 13, 3, 13, 16, 9, 3 quasi sempre começam nos bailes.  
 4, 9 tens par para 3, 4, 8, 4 quadrilhas?  
 Não são muitas?  
 A minha 12, 13, 6 está cada vez mais velha! está mesmo uma 16, 9, 7, 16, 6, 3, 3, 1 1 Da os meus parabens á 16, 11, 5, 13, 10,

19, 6 e ao 16, 11, 7, 10, 2, 3 e dize-lhas que devéras 3, 13, 14, 12, 21 o não poder assistir ao 16, 11, 9, 5, 18, 14, 12, 15.

Dispõe da tua  
 3, 13, 14 16, 18, 7, 9 amiga  
 4, 19, 13, 3, 6

MATHEUS JUNIOR.

## Decifrações

DAS CHARADAS:—Lamiré—Bicola—Merenda.  
 A ultima quadra da 1.ª charada, que sabiu com algumas incorrecções, deve ler-se assim:

O todo  
 Aflua  
 A musica.  
 —E' sina!

## A RIR

Ecco das praias.

—Isso é uma loucura, meu amigo! Ir tomar banho, tendo acabado de jantar!...  
 —Não faz mal. Só comi peixe.

—Então mudou de casa?  
 —Sim senhor, resido na rua de...  
 —Que numero?  
 —Não sei ao certo.  
 —Como assim?  
 —E' verdade; todos dizem que é numero 98, mas eu chego á janella, e olhando para baixo, vejo sempre 86, por isso prefiro dizer que não sei ao certo.

—Conhece o afamado X., o melhor pintor de animaes?  
 —Certamente.  
 —Pois bem; está pintando o meu retrato... Ha de ser um dos melhores quadros da proxima exposição.

N'um baile de mascaras:  
 —Dize-me o teu nome, ó lindo dominó?  
 —Qual?  
 —O teu nome de baptismo.  
 —Não tenho.  
 —Dize-me então o cutro.

## O TIO JOAQUIM

O tio Joaquim era o typo acabado dos veteranos das campanhas da liberdade, esses velhos quasi lendarios para a geração presente, egoista e utilitaria, que não comprehende como houve gente tão tola que se matou nos campos de batalha para sustentar os seus principios politicos.

O nosso velhinho era como todos os seus 7:499 companheiros do Mindello, de uma ingenuidade e um amor á Carta, verdadeiramente excepcionaes. A Rainha e a Carta, eram os dois pólos de toda a sua orientação politica. Vinham depois, os circulos arctico é antartico, do Saldanha e duque da Terceira, ou o Villa Flôr, como tambem dizia eruditamente. E por fim era o equador, ou o circulo maximo—o imperador.

E era sempre com um sentimento de respeito, mesclado de



entusiasmo, que elle pronunciava a palavra—o imperador. Este titulo guerreiro de invenção romana, tão sonoro e tão emphatico como a lingua latina, parecia-lhe que, só por si, explicava a guerra. O imperador! Como esta simples palavra lhe cheirava a polvora, a gloria!

E o excellente velhinho, aprumava-se com uma grande correcção militar, quando dos labios descorados lhe caía o termo sonoro—o imperador! E instinctivamente, levava a mão em continencia ao chapéo.

De resto, bom homem: vivendo só, apesar da sua avançada idade, couraçado dentro dos seus antigos habitos militares—o celibato e a cosinha feita por elle. A costura feita por elle. Tudo feito por elle. Ah! a guerra é uma grande mestra da vida! Nada como a guerra para tirar teimas, para ensinar os homens e para endireitar as nações.

Um dia a sua existencia, tranquilla como a superficie de um lago, foi perturbada por um acontecimento extraordinario.

O tio Joaquim, na sua qualidade de veterano, tinha obtido casa de graça no fortim de S. Pedro, da cidade de Ponta Delgada. Um fortim muito pittoresco, que parecia ter sido conduzido da caixa de um theatro, tão pequeno e gentil era. Não obstante, o veterano julgava-o inexpugnável e uma das mais serias garantias das liberdades patrias.

Tinha a missão de cuidar do fortim e a permissão de plantar batatas e toda a variedade leguminosa de que carecia a sua cosinha. Para se chegar ao fortim, collocado n'uma ponta da praia, havia que descer uma rampa íngreme, desviada do povoado e que não tinha outra serventia. Nunca viv'alma passou por aquelle caminho, perfeitamente privativo, senão o veterano, quando vinha à cidade. Imagine-se pois o seu espanto, quando um dia, indo a sair, se lhe deparou um voluminho, depositado na soleira do portão.

Abaixar-se e apanhar-o, foi obra de um momento. Mas o seu assombro foi descommunal, quando vio, dentro de uma infecta trapagem, um recém-nascido do sexo feminino!

Parecia troça feita ao seu viver celibatario; e o seu primeiro impeto, foi levar a creança à Misericordia. Poz-se silenciosamente a examinar a creança, que dormia tranquilla como um pachá de tres caudas, e pela primeira vez sentiu que os seus braços, onde entrava já a neve da idade, necessitavam retemperar-se ao calor da juventude.

E poz-se a scismar ao lado da creança sempre adormecida.

—Encheram-te bem o bandedulho, para estares assim calado! exclamou elle com aspereza.

Fôra a sua ultima phrase de velho guerreiro celibatario.

D'ali em diante, tinha um filho. Um filho! espantosa ironia do acaso!

Examinando bem a creança, pareceu-lhe que o tom já nada indeciso da pelle e a dureza craneana accusavam talvez uns trinta dias de existencia. Tomou uma resolução, e embrulhando o abandonado nos trapos e escondendo-o sob o capote, levou-o a uma aldeia proxima, e contractou a sua amamentação com uma camponeza.

Principiou então, para o tio Joaquim, uma vida nova. Um sorriso infantil abria-lhe, no muro negro da existencia, cem portas de esperanza e de luz.

A pequena cresceu e aos quatro annos poude já elle leval-a para a sua companhia. Ia ser a castellã do fortim.

E os echos silenciosos do pequeno recinto fôram repentinamente quebrados pela vibrante voz da Maria. Os seus gritos attrahiam o olhar dos maritimos que passavam perto da costa, e os seus saltos espantavam os caranguejos, as moreias e punham de observação o traço polvo.

Ella crescia isolada como uma rosa silvestre. Chegou assim aos doze annos, não conhecendo da mundo senão o fortim de S. Pedro, a praia, o mar—o seu poderoso amigo, de que tinha medo de inverno e nas aguas do qual se banhava de verão.

O velho fallava-lhe constantemente das campanhas da liberdade e do imperador.

Censuravam-n'o os amigos por não levar a rapariga à cidade; mas elle, como um velho avarento, queria-lhe como a um thesou-

ro e tinha medo de que ella perdésse a profunda ignorancia das maldades do mundo, que era toda a sua defeza.

Um dia, dia fatal, o tio Joaquim foi atacado de paralytia em todo um lado do corpo.

O commandante da companhia de veteranos, não o vendo apparecer, teve um presentimento de que lhe tivesse succedido alguma cousa e foi visital-o.

O quadro que se lhe deparou era estranho e admiravel. O velho, estendido na cama, com os oculos no nariz, lia pela millesima vez folhetos relativos ás campanhas da liberdade. Da caldeira do cachimbo, saíam brancas espiraes de fumo. Perto d'elle, a Maria remendava roupa. Era a enfermeira, a mãesinha do ancião, a sua companhia, a sua providencia.

O commandante de veteranos gritou logo:

—Porque é que você não me mandou participar o estado em que se acha?

Mas recuou aterrado. O velho tinha a falla quasi tolhida e não se lhe percebia palavra. Os olhos, porém, fallavam eloquentemente. Fitou-os na pequena, a qual, comprehendendo-o perfeitamente, respondeu ao major:

—O pae não tinha por quem mandar, e eu não conheço as ruas. Nunca fui à cidade.

Chamar-lhe pae, era delicioso de ingenuidade, e o major reformado não poude deixar de sorrir.

—Mas você não pode ficar aqui, respondeu o major. E' preciso ir para o hospital. Está aqui só.

A pequena gritou, offendida no seu pundonor de dona de casa:

—Só? e eu?

—Vocemecé não é gente: é uma nica de gente. Bem vê que nada pode fazer.

O tio Joaquim, com a lingua entaramelada, grunhiu o que quer que fosse.

—E que diz elle? interrogou o official.

A Maria traduziu.

—Diz que não quer sair d'aqui enquanto for vivo. Que não faça eu caso do seu modo, porque o sr. major é bom homem.

—Está bem; não sairá, disse o major, commovido, para o ve ho. E' teimoso, mas não sairá. Sempre o foi. Mas um bravo condecorado com a Torre e Espada, não pôde jazer aqui assim ao abandono. Vou mandar-lhe um medico, meu amigo, e todos os dias hade vir cá o meu creado, trazer viveres.

O veterano, muito attento, ouvia tudo, com os olhos muito abertos e inundados de lagrimas de reconhecimento. De subito, attentando n'um quadro com uma grande lithographia de D. Pedro IV, tentou dizer alguma cousa que a Maria novamente traduziu ao official reformado.

—O pae diz que contará n'outro mundo ao imperador, tudo o que o sr. major acaba de fazer por elle.

E a pequena apontava para o quadro.

Foi então que o velho major, tambem um dos bravos do Mindello, se voltou para traz e vio o retrato de D. Pedro na parede fronteira ao leito.

Immediatamente levou a mão ao chapéo e descobriu-se respeitosamente, perfilandose.

Quando se voltou, deu um grito de espanto e anciedade.

O tio Joaquim, por um esforço sobre humano de vontade, firmando-se no braço valido, conseguira sentar-se na cama, apoiando as costas na cabeceira do leito. Os seus olhos, cravados no retrato do rei-soldado, pareciam querer soltar-se-lhe das orbitas. Levantou então, tremulamente, o braço à altura da testa e fez a continencia militar, exclamando n'um esforço prodigioso de voz rouca, entaramelada, intraduzivel:

—Vi...va...o...im...pe...ra...dor!

E caiu fulminado de morte, sobre o travesseiro.

Não lhe permittiu o animo ficar atraz do major, na manifestação de respeito pelo heroe, mas o esforço matou-o com uma apoplexia.

JOSÉ MARIA DA COSTA.



GABRIEL ARCHANJO DOS SANTOS

(O ASSASSINO DE D. JOSÉ RODRIGUEZ)